



## **A Representação da Identidade Negra no “Esquenta”<sup>1</sup>**

Isabela Santos Prado<sup>2</sup>

Josinaldo José Fernandes Malaquias<sup>3</sup>  
UFPB- Universidade Federal da Paraíba

### **RESUMO**

Esse trabalho discorre a respeito da representação da identidade negra no programa “Esquenta”, exibido aos domingos na Rede Globo. Para a pesquisa, foram utilizados os conceitos de identidade, racismo, cultura de massa e cultura popular. Para o desenvolvimento do pretendido, foram analisados as quatro primeiras edições do mês de agosto de 2014, referente aos dias 3, 10, 17 e 24. Foram discutidos os papéis sociais representados no programa, o mito da democratização racial e os estereótipos relacionados aos ritmos oficiais do programa. Concluímos que o “Esquenta”, cumpre seu papel no que se diz respeito à democratização do espaço, mas o faz de uma forma superficial e reforçando estereótipos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Representação; Identidade Negra; Esquenta.

### **INTRODUÇÃO**

Após anos com pouco espaço na TV, os negros, especialmente os da periferia, aparentemente ganharam notoriedade na grande mídia tradicional. Atualmente é possível encontrar atores negros fazendo papéis nas novelas e modelos negros fazendo comerciais. Na grade de programação da Rede Globo, o principal programa responsável por dar este espaço ao negro é o “Esquenta”, que tem a proposta de “promover” a igualdade racial e ensinar que todo tipo de cultura é válido e deve ser celebrado.

Com um elenco fixo composto por negros em sua maioria, o programa utiliza-se especialmente de estilos musicais, geralmente marginalizados, como por exemplo samba, pagode e funk para representar uma população que desde o início da televisão brasileira tem sido sub representada. Nesse sentido, o “Esquenta” se apropria de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 02 a 04 de julho de 2015.

<sup>2</sup> Recém-graduada no curso de Comunicação Social-Jornalismo da UFPB , email: isabela.prado514@gmail.com

<sup>3</sup> Orientador do trabalho, email: malaquias.j@uol.com.br



elementos característicos da periferia para passar a mensagem que todos são iguais, independente de raça, classe social, gosto musical, orientação sexual etc.

Para discutir como é construída a identidade negra no universo televisivo, foi selecionado como objeto de estudo o programa “Esquenta”, apresentado por Regina Casé e exibido semanalmente na Rede Globo. A escolha do programa de televisão ocorreu em função de ter a maior parte do elenco fixo do programa e da plateia composta por pessoas negras, fator incomum nos outros programas de auditório, tanto da emissora em questão quanto de suas concorrentes. Outro fator metodológico importante refere-se ao fato de a televisão atingir à um grande público, e ser parte fundamental na representação social.

Esse estudo foi impulsionado por questões que pretendem compreender como o “Esquenta” representa e constrói a identidade negra a partir dos componentes do elenco fixo do programa. A análise será feita a partir dos ritmos musicais e da forma como parte do elenco fixo do programa se comporta durante o programa para entender os papéis sociais representados por eles no “Esquenta”.

## **A HISTÓRIA DO NEGRO NA TV**

Desde 1950, ano em que começou a Televisão no Brasil, a inserção do negro na TV brasileira tem evoluído muito lentamente. A maioria dos personagens destinados à atores negros, já tem a etnia pré-definida na construção do personagem, como por exemplo “o escravo”, “o favelado”, o “sambista”, “a empregada”, entre outros. Ou seja, um personagem que não precisa ser negro, provavelmente será interpretado por um branco.

Em uma matéria especial da Revista Bravo (2012), mostra-se que a estereotipagem do negro na televisão brasileira, levando em consideração os personagens interpretados, é tão repetitiva que não é possível fazer um panorama da evolução do negro na TV.

A constância da estereotipagem chega ao ponto de não ser possível dizer que há, a rigor, uma história do negro na TV, no sentido de ter havido modificações significativas e encadeamentos de fatos novos. O que há, a rigor, é uma prolongada repetição de uma tipologia desmerecedora do negro. (Bravo, 2002, p. 69 apud Andrade, 2012).

No caso das novelas, foi preciso sessenta anos para que uma negra fosse protagonista no horário nobre da Rede Globo. Em 2010, Taís Araújo interpretou Helena, uma top model reconhecida internacionalmente, na novela *Viver a Vida* de Manoel Carlos.



Através dos meios de comunicação, especialmente dos meios de massa, como a televisão e o rádio, as desigualdades raciais são naturalizadas, banalizadas e muitas vezes racionalizadas. Em grande medida, através da mídia de massa, as representações raciais são atualizadas e reificadas. E dessa forma, como “coisas”, circulam como noções mais ou menos sensatas. (RAMOS, 2007; p. 9)

Zilá Bernd (1994, p.27), diz que ao longo da história da dramaturgia brasileira, é uma constante o negro desempenhar papéis de escravo e empregado doméstico.

Apesar de mais atores negros ganharem papéis nas novelas, os papéis exercidos por eles não contemplam a diversidade negra nas produções. Embora 50,7% da população brasileira seja preta e parda (categorias usadas pelo IBGE), essa diversidade étnica não é percebida na televisão, que tem uma “cara branca” num país majoritariamente negro. De acordo com Sodré (2000) “a mídia funciona, no nível macro, como um gênero discursivo capaz de catalisar expressões políticas e institucionais sobre as relações inter-raciais, (...) que, de uma maneira ou de outra, legitima a desigualdade social pela cor da pele.”

Para Sílvia Ramos (2007, p. 9) a forma como o negro é representado na mídia é de suma importância para o combate ao racismo pois “nenhum processo cultural de superação do racismo, de combate aos estereótipos e de luta contra a discriminação será realizada sem os jornais, a televisão, as artes, a música. Por essa centralidade (...) a mídia tende cada vez mais, na sociedade brasileira, um papel vital na construção de saídas capazes de reduzir a exclusão racial.” Nesse sentido, nota-se a importância do *Esquenta* em acabar com a invisibilidade do negro na TV.

É preciso que haja visibilidade, e que tenhamos essa visibilidade, não pura e simplesmente com a criação de leis, que são necessárias e devem ser efetivamente cumpridas, mas pela criação de mecanismos através dos quais o negro garanta a sua presença na universidade, a sua presença no meio de comunicação, a sua presença física também, e cultural, a sua expressão, a sua imagem. (RAMOS, 2007. p. 22)

No programa *Esquenta*, há a ideia de promover a igualdade racial, onde todos estão “juntos e misturados”, e mostrar a pluralidade étnica do país e como ela é bem aceita por todos. Entretanto, é importante que haja uma reflexão para entender se esse espaço, que foi negado às chamadas classes minoritárias ao longo dos anos, cumpre seu papel de democratização no que se diz respeito às representações das raças.

O racismo não se reproduz na mídia (nem, via de regra, em outros âmbitos da sociedade brasileira) através da afirmação aberta da



inferioridade e da superioridade, através da marca de racialização, ou de mecanismos explícitos de segregação. O racismo tampouco se exerce por normas e regulamentos diferentes no tratamento de brancos e negros e no tratamento de problemas que afetam a população afrodescendente. As dinâmicas de exclusão, invisibilização e silenciamento são complexas, híbridas e sutis, ainda que sejam decididamente racistas. (RAMOS, 2007, p. 8-9)

De acordo com Ramos (2007), é difícil perceber na mídia o racismo velado, então é possível que haja formas de racismo até mesmo em um programa que tem o objetivo de promover a igualdade racial.

## **IDENTIDADE NEGRA**

Em um país de mestiços, como o Brasil, discute-se com frequência o que é “ser negro”. No imaginário social, ser negro está exclusivamente ligado ao tom da pele do indivíduo, mas alguns autores, a exemplo de Kabengele Munanga (2015), trabalham a ideia de que mais do que a cor da pele, identificar-se como negro está relacionado também à questões relacionadas a caracterização que remetem aos povos africanos, como roupas e adornos, por exemplo. Para Munanga

A identidade negra não nasce do simples fato de tomar consciência da diferença de pigmentação entre brancos e negros ou negros e amarelos. [...] A negritude não se refere somente à cultura dos portadores da pele negra, que aliás, são todos culturalmente diferentes. Na realidade, o que esses grupos humanos têm fundamentalmente em comum não é, como parece indicar o termo negritude, a cor da pele, mas sim o fato de terem sido na história vítimas das piores tentativas de desumanização e terem tido suas culturas não apenas objeto de políticas sistemáticas de destruição, mas mais do que isso, ter sido simplesmente negada a existência dessas culturas. (MUNANGA, 2015)

De acordo com Maria Salete Joaquim (2001) identificar-se como negro é importante para que haja um resgate desta história para que assim seja possível recriá-la.

Saber-se negro é viver a experiência de ter sua identidade negada, mas é também e, sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em sua potencialidade. Essa identidade daí emergente é necessária, por ser historicamente formada em uma sociedade ambígua e multifacetada. Uma identidade, ao mesmo tempo, étnica e política, não somente individual, mas também coletiva. (JOAQUIM, 2001, p.56)

Partindo desta mesma ideia, João Batista Borges Pereira (1987, p. 41) diz que “há todo um processo universal contemporâneo de reafirmação, consolidação,



elaboração e reelaboração de identidades étnicas pelo mundo afora. São identidades que foram banidas, apagada, esmaecidas, abafadas, sufocadas, eclipsadas durante certos períodos históricos e que, hoje, pedem reconhecimento e o direito de existir”.

Ensinar a história da África nas escolas e a história do negro no Brasil para romper a visão depreciativa do negro, é uma das saídas apontadas por Munanga (2012) para criar a verdadeira identidade negra, para que o negro pare de ser visto apenas como objeto da história, mas também como “sujeito participativo de todo o processo de construção da cultura e do povo brasileiro”.

O processo de construção da identidade coletiva negra, é preciso resgatar sua história e autenticidade, desconstruindo a memória de uma história negativa que se encontra na historiografia colonial ainda presente em “nosso” imaginário coletivo e reconstruindo uma verdadeira história positiva capaz de resgatar sua plena humanidade e autoestima destruída pela ideologia racista presente na historiografia colonial. (MUNANGA, 2015)

## **O “ESQUENTA”**

O programa, idealizado pelo antropólogo Hermano Vianna e pela diretora Regina Casé, estreou na Globo em 02 de Janeiro de 2011 como um “programa de verão”. Suas duas primeiras temporadas foram curtas: a primeira entre 02/01 a 27/03 de 2011 e a segunda entre 11/12/2011 a 01/04/2012. Devido a audiência, o “Esquenta” passou a fazer parte da programação fixa da Rede Globo a partir de sua terceira temporada que teve início em 09/12/2012.

## **QUE PAPÉIS SOCIAIS SÃO REPRESENTADOS NO “ESQUENTA”?**

Para Berger e Luckman (2014, p. 99) a construção de tipologias dos papéis é um correlato necessário da institucionalização da conduta. Para eles, as instituições incorporam-se à experiência do indivíduo por meio dos papéis.

Ao desempenhar papéis, o indivíduo participa de um mundo social. Ao interiorizar estes papéis, o mesmo torna-se subjetivamente real pra ele. (BERGER;LUCKMAN 2014, p. 100).

Já Goffmann (1999) trabalha a ideia de que a vida social é um grande teatro, em que os sujeitos atuam o tempo todo. Para representar, os indivíduos, frente ao outro,



dependendo da circunstância, do interlocutor e do assunto, mudam de máscaras sociais. Nessa perspectiva, analisaremos aqui, quatro integrantes do elenco fixo do programa “Esquenta”, para compreender quais tipos de papéis são assumidos por eles.

Aleatoriamente, os integrantes escolhidos foram: Douglas Silva, ator e comediante, Mumuzinho, cantor de pagode, Luane Silva, web celebridade e comentarista de moda, e Nathália Rodrigues, estudante de Jornalismo e deficiente visual. Para chegar ao resultado, faremos um breve perfil dos quatro integrantes escolhidos.

### **Douglas Silva**

Aos 14 anos, Douglas Silva, ”, que formou-se em artes cênicas no “Nós do morro”, grupo formado em 1986 com o intuito de dar acesso à arte aos moradores do Morro do Vidigal, e favelas próximas, através de cursos de Teatro e Cinema, ficou famoso ao fazer uma participação no filme “Cidade de Deus”, dirigido por Fernando Meirelles em 2002. Na trama, Douglas interpretava o bandido Dadinho.

O filme retratava o crescimento do crime organizado na favela Cidade de Deus entre o final da década de 1960 e o início da década de 1980. Assim como Douglas, a maioria dos atores do filme eram moradores de favela.

No mesmo ano, Douglas Silva, estreou em outro projeto do diretor Fernando Meirelles, a série de televisão, exibida na Rede Globo entre os anos de 2002 e 2005, chamada de “Cidade dos Homens”.

Na série, ele interpretava o menino Acerola, que ao lado Laranjinha, interpretado por Darlan Cunha, vivenciavam dilemas próprios da adolescência e da favela onde viviam, como tráfico de drogas e violência urbana.

O quarto episódio da 1ª temporada de “Cidade dos Homens”, intitulado “João Victor e Uólace”, foi roteirizado e dirigido por Fernando Meirelles em co-autoria com a Regina Casé. É nesse momento, que surge a relação de intimidade entre o ator e a apresentadora, que anos mais tarde o convidaria para participar do seu programa, o “Esquenta” desde o ano de sua estreia, em 2011.

### **Mumuzinho**

Márcio da Costa batista, mais conhecido como Mumuzinho, também no “Nós do morro” e assim como Douglas Silva, Mumuzinho também atuou na série “Cidade dos Homens” e no filme “Cidade de Deus”, e ainda atuou no filme “Tropa de Elite” (2007). Mas foi como cantor de pagode que Mumuzinho consagrou sua carreira. A partir do ano



de 2007, o cantor começou a fazer a abertura de show de Belo e do grupo Exaltasamba, por exemplo.

Em 2011, Mumuzinho lançou seu primeiro álbum, intitulado “Transpirando amor” e em 2012 lançou, pela Universal Music “Dom de sonhar”, mesmo ano que foi contratado pela Globo para fazer do elenco fixo do programa “Esquenta”.

### **Luane Dias**

Após ganhar notoriedade na internet com um vídeo, postado no Youtube, que falava sobre como se comportar nas redes sociais, Luane Dias, moradora da favela Cidade Alta, no Rio de Janeiro, foi convidada para fazer uma participação no *Esquenta*, cujo tema tratava sobre internet, exibido no dia 21 de abril de 2013.

Com seu jeito de marrenta, muitas gírias no vocabulário e falando palavras erradas, Luane caiu na graça da Regina Casé e do público e foi convidada para fazer parte do elenco fixo no programa.

Atualmente, Luane Dias, tem um quadro que se chama #Luane, no qual ela comenta os looks de anônimas que mandam suas fotos para o programa.

### **Nathália Rodrigues**

Deficiente visual desde nascença, negra e moradora de uma favela do Rio de Janeiro, a estudante de Jornalismo e repórter do programa “Rolezão”, exibido na Globo News, Nathália Rodrigues também foi convidada por Regina Casé para fazer parte do elenco fixo do programa após fazer uma participação na platéia. Apesar de participar de todos os programas, Nathália não tem um espaço garantido em todas as exibições. Raramente, ela faz um comentário sobre a pauta que vem sendo discutida no programa.

## **CONSCIÊNCIA DE CLASSE**

Ao analisar o perfil dos quatro integrantes do elenco fixo do programa pode-se chegar a conclusão que todos têm duas características em comum: cresceram na favela, e, o mais importante para esta pesquisa, aparecem no programa como sendo “a exceção”. Negros, pobres e moradores da favela, todos eles se destacaram por um talento e ganharam espaço e notoriedade no programa. No “Esquenta”, eles se destacam pelos mais diversos talentos: na música, no cinema, no jornalismo ou como comediante, mas no contexto social, os participantes não representam o negro enquanto classe, pois como falou Fernandes (1978) há a inexistência de uma consciência de classe por parte do negro.



## **DEMOCRACIA RACIAL: EXISTE NO BRASIL?**

O discurso da Regina Casé, parte da ideia de que todos são iguais independente de sua etnia, a chamada “democracia racial”, ideia disseminada por Gilberto Freyre em Casa Grande & Senzala (1933), e em O Brasil em face das Áfricas negras e mestiças (1962). Apesar de em nenhuma de suas obras, Gilberto Freyre ter usado o termo “Democracia racial”, a criação dessa ideia foi atribuída à sua obra através de seus escritos que diziam que no Brasil não havia racismo. A ideologia de democracia do autor, consiste na ideia de que as relações raciais no Brasil se dão de forma harmoniosa e que independente da cor da pele, todos os indivíduos têm seus direitos respeitados.

Para Freyre (1962) “nós, brasileiros, não podemos ser, como brasileiros, senão um povo por excelência anti-segregacionista: quer o segregacionismo siga a mística da ‘branquitude’, quer siga o mito da ‘negritude’. Ou o da ‘amarelitude’.”.

(...) eregiu-se no Brasil o conceito de democracia racial; segundo esta, pretos e brancos convivem harmoniosamente, desfrutando iguais oportunidades de existência. (...) A existência dessa pretendida igualdade racial constitui o 'maior motivo de orgulho nacional'.(NASCIMENTO, 1978, p. 41)

A ideia, apesar de ser muito criticada, ainda é aceita por grande parte da população, mesmo que essa tenha noção de que existe discriminação. Sobre esse “mito da democracia racial”, Schwarcz (1999 p. 309) diz que “a oportunidade do mito se mantém, para além de sua desconstrução racional, o que faz com que, mesmo reconhecendo a existência do preconceito, no Brasil, a ideia de harmonia racial se imponha aos dados e à própria consciência da discriminação.” Desta forma, o racismo fica mais difícil de ser combatido ou discutido já que há essa crença de que negros e brancos vivem em perfeita harmonia.

No programa “Esquenta”, objeto de estudo deste trabalho, é comum perceber elementos que lembrem a chamada “democracia racial”, tanto pelo clima do programa, que reúne pretos e brancos no mesmo ambiente, quanto pelas falas da própria apresentadora, como por exemplo nos episódios exibidos nos dias 3 e 10 de agosto de 2014, em que Regina Casé fala, respectivamente, sobre “pessoas de cores e raças diferentes que se divertem juntos” e em como “o ‘Esquenta’ é uma festa onde as diferenças são celebradas, encontros inusitados são marcados e tudo é ‘junto e misturado’”.

Para o antropólogo Kabengele Munanga, em entrevista ao site do Jornal GGN (2013), a crença que existe uma democracia racial dificulta o combate ao racismo porque o opressor é invisível.

Ele [o racismo] está no ar... Como você vai combater isso? Muitas vezes o brasileiro chega a dizer ao negro que reage: “você que é complexado, o problema está na sua cabeça”. Ele rejeita a culpa e coloca na própria vítima. Já ouviu falar de crime perfeito? Nosso racismo é um crime perfeito, porque a própria vítima é que é responsável pelo seu racismo, quem comentou não tem nenhum problema. (MUNANGA, 2013)

A desigualdade entre negros e brancos está presente em vários aspectos, como por exemplo, grau de escolaridade e renda. Podemos perceber essa diferença analisando gráficos feitos pelo IBGE.



Nesta tabela é possível visualizar que pessoas negras e pardas são maioria no Ensino Fundamental e Médio, mas já no Ensino Superior o número cai consideravelmente. Agora analisemos, a diferença entre a renda de negros e brancos.



Tabela 140: Rendimento médio real habitualmente recebido no trabalho principal, segundo a cor ou raça, por regiões metropolitanas (em reais)\* - a preços de dez/13

	Total	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
<b>Branca</b>							
2003	1875,19	1644,33	2704,03	1780,80	1853,34	1969,62	1466,41
2004	1858,43	1622,76	2589,50	1774,23	1838,33	1957,11	1473,53
2005	1903,28	1723,67	2429,72	1830,09	1918,53	2001,34	1454,34
2006	1960,69	1684,26	2534,58	1885,77	1948,84	2092,21	1506,10
2007	2039,54	1703,94	2555,53	1967,98	2076,56	2156,57	1579,73
2008	2103,88	1696,98	2734,98	2092,29	2186,29	2201,92	1617,00
2009	2170,31	1693,65	2742,73	2177,39	2253,73	2268,86	1680,08
2010	2248,81	1925,98	2779,09	2249,20	2448,26	2276,74	1797,26
2011	2295,08	1847,88	2893,18	2386,63	2571,61	2274,89	1847,47
2012	2361,92	1928,21	2998,31	2582,06	2591,43	2358,09	1881,36
2013	<b>2396,74</b>	<b>1892,33</b>	<b>2523,49</b>	<b>2555,19</b>	<b>2656,86</b>	<b>2408,31</b>	<b>1975,26</b>
<b>Preta / Parda</b>							
2003	907,98	824,27	872,41	901,69	957,89	932,83	885,99
2004	909,64	802,19	883,83	893,47	947,12	947,37	881,27
2005	922,26	798,35	909,56	904,32	954,00	965,38	881,85
2006	978,82	824,50	954,56	986,35	998,01	1028,53	921,42
2007	1011,52	857,17	993,25	1034,65	1035,41	1041,89	989,93
2008	1068,22	850,56	1049,78	1092,97	1105,53	1103,77	998,57
2009	1115,76	886,63	1120,89	1147,21	1164,65	1137,21	1076,39
2010	1191,27	989,18	1221,22	1222,65	1245,37	1196,08	1105,70
2011	1243,80	1044,46	1282,77	1267,00	1298,65	1244,43	1161,15
2012	1325,97	1150,18	1326,48	1391,34	1361,41	1328,65	1232,59
2013	<b>1374,79</b>	<b>1193,19</b>	<b>1290,92</b>	<b>1415,89</b>	<b>1456,49</b>	<b>1366,46</b>	<b>1305,48</b>

FONTES: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Mensal de Emprego  
\* Médias das estimativas mensais.



A partir desta tabela, é possível perceber que o trabalhador negro ganha um pouco mais da metade que um trabalhador branco. Estamos falando de uma média salarial de R\$ 1.374,79 para os trabalhadores negros, enquanto a média dos trabalhadores brancos ganham R\$ 2.396,74. A partir da análise desses dois aspectos, concluímos que não podemos falar de um país indiferente às raças.

Neste sentido, o programa “Esquentá” que, em sua pauta, traz a proposta de celebrar as diferenças étnicas e raciais a fim de acabar com o preconceito peca ao não problematizar a questão do racismo no Brasil e ao enfatizar uma harmonia entre os diferentes grupos étnicos que não existe.

### **O SAMBA E O FUNK REFORÇAM UM ESTERÉOTIPO?**

A diversidade musical dos convidados do programa “Esquentá” é a mais extensa se compararmos com os outros programas da TV brasileira. Em um só programa é possível ouvir funk, rock, samba e forró, inclusive é possível ver uma banda de pop rock cantando com um grupo de pagode, como aconteceu no dia 24 de agosto quando Skank e o Grupo Clareou cantaram juntos.

Apesar disso, como dito anteriormente, o programa é animado majoritariamente pelo som de samba e funk, o que não é uma surpresa, visto que o programa é gravado e ambientado no Rio de Janeiro, é natural que ele seja influenciado por dois ritmos característicos da “Cidade maravilhosa”. Porém esse motivo é responsável pelas principais críticas relacionadas à afirmação do estereótipo de que o negro não gosta de música considerada “boa” ou não tem “cultura”, visto que o samba e o funk são expressões culturais populares.

Segundo Laraia (1986), as definições de cultura e civilização foram resumidas por Edward Tylor (1832-1917) como tudo aquilo que o indivíduo de uma sociedade adquire. Ou seja, Tylor (1986, p. 28) interpretou “cultura como sendo todo o comportamento aprendido, tudo aquilo que independe de uma transmissão genética” (LARAIA, 1986, p. 28). Todas as classes têm sua cultura, seja ela considerada popular ou de elite. O que causa esse preconceito com a cultura popular é chamado de “etnocentrismo de classe”, que acontece quando uma avaliação sobre determinado fato desconhecido é feita a partir de seus valores, resultando numa conclusão negativa daquilo que é diferente. Lévi-Strauss (1976, p. 334) disse que o etnocentrismo

Consiste em repudiar pura e simplesmente as formas culturais: morais, religiosas, sociais, estéticas, que são as mais afastadas daquelas com as quais nos identificamos. “Hábitos de selvagens”, “na minha terra é diferente”, “não se deveria permitir isso” etc., tantas reações grosseiras que traduzem esse mesmo calafrio, essa mesma repulsa diante de maneiras de viver, crer, ou pensar que nos são estranhas. Assim, a antiguidade confundia tudo o que não participava da cultura grega (depois greco-romana) sob a denominação de bárbaro; a civilização ocidental utilizou em seguida o termo selvagem com o mesmo sentido. Ora, subjacente a esses epítetos, dissimula-se um mesmo julgamento: é provável que a palavra bárbaro se refira etimologicamente à confusão e à inarticulação do canto dos pássaros, oposta ao valor da linguagem humana; e selvagem quer dizer “da selva”, evoca também um gênero de vida animal, por oposição à cultura humana. Em ambos os casos, recusamos admitir o próprio fato da diversidade cultural; preferimos lançar fora da cultura, na natureza, tudo o que não se conforma à norma sob a qual se vive. (LÉVI-STRAUSS, 1976, p. 334).

A partir disso, podemos compreender que toda manifestação cultural é válida, venha ela da favela ou do teatro, de negros ou brancos, ricos ou pobres e que o “Esquentá” cumpre o seu papel de programa de auditório cujo lema é mostrar e celebrar a cultura popular. Para FRANÇA (2004) os programas de auditório, e aqui essa definição cabe bem ao *Esquentá*, se alimentam do cotidiano de seus personagens.

E o que é mesmo o cotidiano? Entendemos o cotidiano como lugar da experiência, do vivido; lugar das partilhas e dos enfrentamentos; igualmente um lugar da constituição dos laços e da sociabilidade. Falar do cotidiano é falar de um trabalho de construção de um lugar no mundo. Nesse sentido, ao alimentar-se do cotidiano, esses programas – bem ou mal – falam e nos remetem para a dramaticidade do mundo real, e para os movimentos que compõem esse mundo. (FRANÇA, 2004, p. 3- 4)

Já que no imaginário social, o negro, especialmente da favela, gosta de estilos musicais populares, o “Esquentá” reforça sim este esteriótipo, já que os negros que fazem parte do programa cantam e dançam majoritariamente estes dois estilos. Contudo, não pode-se considerar que esta seja uma representação depreciativa do negro.

O samba e o funk são característicos da periferia, fazem parte do cotidiano de parte da população que lá vive e merece reconhecimento e visibilidade, assim como qualquer outra forma de expressão cultural, especialmente em um programa popular na maior emissora do país. Isto causa uma identificação com essa população, que como diz Sodré (1975) é o reconhecimento do indivíduo através da espetacularização propiciada pela cultura de massa.



## CONCLUSÃO

A pesquisa, que é focada em apenas quatro edições do “Esquenta”, que já conta com sua quarta temporada, não tem a pretensão de chegar a respostas tão conclusivas, de perguntas tão complexas que referem-se a identidade negra, a manutenção de esteriótipos e ao racismo, assunto “proibido” no Brasil, pois segundo Ramos (2007, p. 7) assumir o racismo gera culpa, ansiedade, impotência, vergonha e raiva e de novo negação.

Desta forma procurou-se articular uma apresentação de elementos do programa para trazer a discussão sobre a representação do negro no espaço televisivo de uma maneira geral.

Assim, pode-se concluir que o “Esquenta” tem a intenção de construir um novo tipo de representação racial, diferente da apresentada no jornalismo, por exemplo. Esta nova representação diz respeito ao processo de incorporação de forma natural do negro à sociedade brasileira, especialmente à sociedade privilegiada social e economicamente. No entanto, o programa reforça o preconceito de que a inclusão negra se dá pela ótica do divertimento, do excêntrico e do pitoresco.

Em um momento em que se conhece e se debate muito mais sobre a militância do movimento negro, é importante que não deixemos que a mídia resignifique a história do negro e dê um novo resultado para ela, dizendo que a integração do negro já aconteceu ou acontece de forma muito aceitável e natural. É importante que se faça essa reflexão sobre a disparidade do que é representado no *Esquenta* e de como acontece fora dos bastidores do programa, para entender quais são as consequências desse tipo de representação na vida e na auto-estima dos jovens negros brasileiros, moradores ou não das favelas.

Aparentemente, o “Esquenta” faz aquilo que propõe: “junta e mistura” os mais diversos tipos de etnias, cores, religiões e estilos musicais num programa só, mas o faz de maneira superficial, ou seja, apenas coloca todos no mesmo ambiente e diz que deve ser daquela forma, mas não abre espaço para debater o racismo, os esteriótipos, a própria representação dos negros na televisão, sendo assim é impossível combater o racismo fingindo que ele não existe.

Ao contrário do que acredita a maioria das pessoas que criticam o programa, o “Esquenta”, não erra ao mostrar negros dançando funk ou samba, dançarinos com seus



cabelos crespos ou moradores da favela, pois é claro que esses representam uma parcela da população, o programa peca em representar apenas essa parcela.

É necessário que faça-se o esforço, da parte da mídia, para que o negro passe a se enxergar na televisão das mais diversas maneiras, ocupando as mais diversas cadeiras, inclusive as supervalorizadas, desta forma ela estará contribuindo para quebrar esteriótipos que seguem essa classe por anos.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Cássia Ferreira. A representação do negro na teledramaturgia. Disponível em: <<http://www.teledossie.com.br/a-representacao-do-negro-na-teledramaturgia/#comment-1068>> Acesso em: 18 de Julho de 2014.

ARAÚJO, Joel Zito Almeida de. **A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira.** 2ª edição, São Paulo: Editora Senac, 2004.

BARBALHO, Alexandre. **Minorias, Biopolítica e Mídia.** In: ENCONTRO DOS NÚCLEOS DE PESQUISA DO INTERCOM, 4. 2004. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/109624170405151775373157590113964793942.pdf>>. Acesso em: 10 jan 2015.

BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade.** Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

BERND, Zilá. **Racismo e anti-racismo.** 4ª edição, Editora Moderna, 1997.

BRAVO, Revista. São Paulo, fevereiro de 2002, p.64 - 71. Ano 5, nº 53

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade.** São Paulo: Editora Paz e Terra S/A, 1999.

DAMATTA, Roberto. **Relativizando: uma introdução à Antropologia Social:** Digressão: a fábula das três raças, ou o problema do racismo à brasileira. Rio de Janeiro, ed. Rocco, 1997.

ESQUENTA In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2012. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Esquenta!>> Acesso em: 05 de Junho de 2014

FERNANDES, Florestan. **A Integração do Negro na Sociedade de Classes.** São Paulo: Atlas, 1978.

FRANÇA, V.V . **Representações, mediações e práticas comunicativas.** In: PEREIRA, Miguelet.al.(orgs.). **Comunicação, representação e práticas sociais.** Rio de Janeiro: Ed. Ideias & Letras, 2004.



FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal.** Ed; São Paulo: Global, 2004. (Original 1933)

\_\_\_\_\_. **O Brasil em face das Áfricas negras e mestiças.** Rio de Janeiro: Federação das Associações Portuguesas, 48p, 1962.

GOFFMAN, Erving. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana.** Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Democracia Racial: o ideal, o pacto e o mito.** Disponível em:

<[http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_view&gid=4678&Itemid=356](http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=4678&Itemid=356)> Acesso em: 06 de Julho

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A EDITORA, 2001.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Editor Ltda. 1986.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Raça e história.** In: \_\_\_\_\_. *Antropologia estrutural* 2. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976.

MICELI, Sérgio. **A noite da madrinha.** São Paulo: Perspectiva, 1982.

MUNANGA, Kabengele. **Nosso racismo é um crime perfeito.**

<<http://jornalggn.com.br/noticia/nosso-racismo-e-um-crime-perfeito>> acessado em: 11 de janeiro de 2015

NASCIMENTO, Abdias do. **O Genocídio do Negro Brasileiro: processo de um racismo mascarado.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

SCHWARCZ, Lilia. **Questão Racial e Etnicidade.** In MICELI, Sérgio org. **O que ler na Ciência Social Brasileira (1970–1995).** Antropologia Vol. II, Sumaré e ANPOCS, São Paulo, pp. 267-326., 1999.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil.** 1ª edição. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. **A comunicação do grotesco: introdução a cultura de massa brasileira.** Rio de Janeiro: Vozes, 1975.

\_\_\_\_\_. **A máquina de narciso: televisão, indivíduo e poder no Brasil.** São Paulo: Cortez Editora, 1990.

\_\_\_\_\_. **Antropológica do Espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede.** Petrópolis: Vozes, 2002.



\_\_\_\_\_. **Por um conceito de minoria.** 2005. Disponível em:  
<<http://pt.scribd.com/doc/59696720/SODRE-Muniz-Por-Um-Conceito-de-Minoria>>.  
Acesso em: 10 de dezembro 2014.

SOUSA, Cecília Bizerra. **Racismo na mídia: entre a negação e o reconhecimento.**  
Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/racismo-na-midia-entre-a-negacao-e-o-reconhecimento-4304.html>> Acesso em: 29 de Julho de 2014

TORRES, Carmem L. C. Lopes. **Programas de Auditório:Um Gênero Mostrando a Resistência da Expressão Popular nos Meios de Comunicação de Massa.**  
In:CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. 27, 2004.  
Porto Alegre. Anais eletrônicos.São Paulo: Intercom, 2004.

VANNUCCHI, Aldo. **Cultura Brasileira.** Ed. Loyola, 2010.

YIN, R.K. Estudo de caso. **Planejamento e métodos.** 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.